

**ENTRE MOBILIDADES, COMPARAÇÕES E JULGAMENTOS:
A IMPORTÂNCIA DA HOSPITALIDADE EM UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA**

***Between mobilities, comparisons and judgments:
the importance of hospitality in a Quilombola Community***

***Entre movilidades, comparaciones y juicios:
la importancia de la hospitalidad en una comunidad quilombola***

Daniella Santos Alves
Doutora em Antropologia Social, Docente da Universidade Federal Lavras (UFLA)
E-mail: danielasantos.alves@hotmail.com

Áltera, João Pessoa, Número 18, 2024, e01806, p. 1-24.

ISSN 2447-9837



RESUMO:

O objetivo geral do artigo é o de entender o que é a receptividade e sua dinâmica presente nas visitas entre os moradores e as pessoas de fora de uma comunidade quilombola no Tocantins. Como objetivo específico, o texto mostra como dois setores da comunidade, Colina e Pavão, entendem e comparam sua receptividade com a do outro através de julgamentos, observações e vigilância feitos por eles e entre eles. O interesse por investigar esse movimento se dá pelo destaque que a receptividade – o receber bem – tem para o grupo, e isso acontece tanto por um fator cultural seguir a receptividade de Vó Antônia, quanto por um fator político, pois receber bem permite controlar aquele que é recebido. Assim, é possível concluir que, embora a receptividade seja um lugar-comum das famílias quilombolas, ela se dá de maneiras distintas a depender de quem chega e dos motivos e formas de sua chegada, constituindo grande parte da sociabilidade quilombola.

PALAVRAS-CHAVE: Quilombo. Hospitalidade. Sociabilidade. Antropologia.

ABSTRACT:

The general objective of the article is to understand what receptivity is and its dynamics as seen in visits between residents and people from outside a quilombola community in Tocantins. As a specific objective, the text shows how two sectors of the community, Colina and Pavão, understand and compare their receptivity with that of the other through judgments, observations and surveillance made by them and between them. The interest in investigating this movement is due to the emphasis that receptivity – to welcome someone – has on the group, and this happens due to a cultural factor, following Vó Antônia's hospitality, as well as to a political factor, as receiving well allows you to control those who is received. Thus, it is possible to conclude that although receptivity is something commonplace among quilombola families, it is done in different ways depending on who arrives and on the reason and manner of their arrival, composing a large part of quilombola sociability.

KEYWORDS: Quilombo. Hospitality. Sociability. Anthropology.



RESUMEN:

El objetivo general del artículo es comprender qué es la receptividad y su dinámica observada en las visitas entre residentes y personas ajenas a una comunidad quilombola en Tocantins. Como objetivo específico, el texto muestra cómo dos sectores de la comunidad, Colina y Pavão, entienden y comparan su receptividad con la del otro a través de los juicios, observaciones y vigilancias que realizan ellos y entre ellos. El interés de investigar este movimiento se debe al énfasis que la receptividad – acogida – tiene en el grupo, y esto sucede por un factor cultural, seguir la hospitalidad de Vó Antônia, como también por un factor político, ya que recibir bien permite controlar a quienes circulan. Así, es posible concluir que, aunquela receptividad sea algo esperado entre las familias quilombolas, ella se hace de diferentes maneras dependiendo de quién llega y de los motivos y formas de su llegada, constituyendo gran parte de la sociabilidad quilombola.

PALABRAS CLAVE: Quilombo. Hospitalidad. Sociabilidad. Antropología.



INTRODUÇÃO: SOBRE MOBILIDADES E RECEPÇÃO

Este é um texto sobre mobilidades e recepção. Por mobilidade entende-se os diferentes modos e motivos de chegar e sair das casas, e, por recepção, o ato ou o efeito de receber alguém que venha dessa mobilidade. Essas mobilidades podem ser entendidas como *visitar*¹, *dar um recado*, *fazer bestagem*, *fazer a ronda*, *fazer fofoca/fuxico*, sendo realizadas tanto entre os moradores da Comunidade Quilombola Ourinho do Norte,² os *de dentro*, quanto pelas pessoas *de fora* que circulam no quilombo. Na Ourinho do Norte, é muito comum fazerem referência a quem é *de dentro* e a quem é *de fora*. *De dentro* seriam aqueles que são parentes, descendentes das famílias *que sempre estiveram ali* e que são *nascidos e criados* naquele lugar onde é comum acontecer casamento entre primos – *tudo junto e misturado*.³ *De dentro* também são pessoas que não nasceram na Ourinho do Norte, mas que se casaram com alguém *de dentro*; entretanto, nas relações com o grupo, estes são sempre colocados em uma categoria dúbia, *de dentro* e *de fora*. Ser *de dentro* relaciona-se muito mais com uma genealogia do que com uma vinculação espacial, embora o espaço seja também importante. Digo isso porque as pessoas genuinamente *de fora* são aquelas que não nasceram e não residem ali. São os agentes do governo, políticos, conhecidos, desconhecidos e amigos.

A comunidade Ourinho do Norte é formada por setenta e cinco famílias, vivendo em mais ou menos duzentos alqueires de terra que se dividem no que os moradores chamam de setores. Os setores são lotes de terras formados por parentes ligados por uma linguagem de filiação e casamento que compartilham unidades residenciais de trabalho e consumo. (Almeida, 1986). Ao todo, a comunidade conta com dez setores, mas aqui serão apresentados os dados de apenas dois deles, Colina e Pavão, sendo este formado por seis famílias e aquele por dez famílias.

Esses dados estão relacionados às mobilidades das *visitas*, feitas por pessoas *de fora* em dois setores distintos do quilombo, o Colina e o Pavão. A *visita*, ou melhor, a relação entre anfitrião e hóspede, pode ser aqui entendida como o ponto alto da hospitalidade. Sobre a hospitalidade vale ressaltar, tal como apontou Pitt-Rivers (2012 [1977]), o seu caráter dual. Isto é, o autor, ao escrever sobre uma lei da hospitalidade, sinaliza

1 O itálico será utilizado para palavras e expressões nativas: *fazer a ronda*, *lambida*; e para apelidos ou formas nativas de expressar o nome de alguém (por exemplo: Eleni, apelido: leda). O itálico com “aspas” é discurso direto dos interlocutores. O colchete será usado para explicar alguma ideia e/ou palavra do discurso nativo.

2 A comunidade se situa no Tocantins, mas para preservar a imagem dos meus interlocutores, além de usar nomes fictícios, não farei referência à região.

3 Os moradores se referem às relações que existem entre eles como *tudo junto e misturado* pelo fato de todos serem casados com primos. Em outras comunidades quilombolas, verificam-se narrativas semelhantes (Perutti, 2015; Fialho, 2018).



a ambivalência que existe na relação entre o anfitrião e o hóspede, entre quem recebe e quem é recebido. A hospitalidade envolve tanto uma possível relação hostil quanto uma relação acolhedora, uma linha tênue de hospitalidade/hostilidade, dada pelo encontro entre locais e estrangeiros. O que equilibra essa relação é justamente o fato de existir um acordo tácito ordenado pelo costume vinculado à proibição de ofender, ou, posto de outro modo: simultaneamente, a evitação simultânea do respeito e do desrespeito. Vale ressaltar que embora a literatura aponte para o termo hospitalidade, o presente artigo fará uso do termo utilizado pelos próprios moradores, a saber, *receptividade*. A *receptividade*, substantivo feminino derivado do verbo receber, engloba o que os *ourinhenses* fazem no cotidiano entre seus pares e com os estrangeiros que lá chegam. Construído a partir de múltiplas práticas, trata-se de um termo plural, geralmente, proferido em entrevistas menos espontâneas, enquanto no cotidiano usam apenas a expressão *receber bem*. A escolha do termo *receptividade* deriva do fato de ser uma categoria nativa e que, em linhas gerais, possui o mesmo sentido de hospitalidade.

Essas *visitas* realizadas na teia da *receptividade* são acompanhada de outras mobilidades que implicam, de certa maneira, receber e ser recebido, tais como: *dar um recado*, *fazer bestagem*, *fazer a ronda*, *fazer fofoca/fuxico* – são todas ferramentas que põem em circulação as observações, os julgamentos e a vigilância que os moradores de cada setor fazem sobre a *receptividade* do outro grupo. Essa preocupação sobre o modo como cada setor recebe obedece a ao menos dois motivos centrais, um histórico e um político. O primeiro é algo intrínseco à sociabilidade *ourinhense*, e envolve a *receptividade* como um traço ancestral do mundo quilombola. Isto é, as famílias sempre aprenderam que é importante *dar o último*, *vizinhar um alimento e ajudar* e isso veio desde a finada *Vó Antônia*, um exemplo de hospitalidade e bondade. *Vó Antônia* é vista como um exemplo de alguém que nasceu com a *natureza boa* e a transmitiu a seus filhos, tanto esse lado do sangue quanto a *criação*. É comum ouvir dos moradores: “*Vó Antônia era moreninha, encurvada, boa, dava o último*”, “*não tinha ninguém que ela não ajudava*”, ou então “*deixava de comer para dar às crianças*” e “*tinha um sorriso no rosto*”.

Ela é sempre lembrada como aquela *que dividia a matutagem com os vizinhos*, se tinha uma galinha *separava os pedaços e mandava as crianças levar pro povo*. Todas as atitudes que envolvem o partilhar, a hospitalidade e a geneoriedade são consideradas como homenagens a *vó Antonia* ou como sendo *natureza* dos seus parentes de sangue. Essas relações de dividir com os parentes, estes morando no mesmo setor, em setores diferentes ou até mesmo na cidade, se aproxima muito do que Mauss em 1950 designou como dádiva: produção e reprodução de prestações, geradoras de vínculos sociais. O autor (2003, p. 200) indica que “as prestações primitivas revestem a forma de dádivas, de presentes, reguladas por três obrigações interligadas:

dar, receber, retribuir estas dádivas presentes”. Essas relações se iniciam quando um vizinho tira parte de uma manta de carne e dá ao outro, e este, ao fazer o mesmo movimento, tem carne para o ano todo ao considerar que os vizinhos irão retribuir a sua doação, criando uma cadeia de relações recíprocas. Há um caráter voluntário, por assim dizer, aparentemente livre e gratuito, mas também obrigatório e interessado, dessas prestações. Por isso, os moradores vigiam, comentam e julgam as casas e as famílias que herdaram tal costume bem como as que não o fizeram, cuja reputação é de serem *suvinos, egoístas e gente ruim*.

O motivo político dessa hospitalidade está relacionado com a *época da política*⁴ do governo Lula e a sua atuação – representada pela Fundação Cultural Palmares (FCP) – diante do reconhecimento⁵ das Comunidades Quilombolas do Tocantins, além dos programas vinculados a esse governo como o Luz para Todos e o Minha Casa, Minha Vida.⁶ Duas lideranças, uma do setor Pavão – Enade –, e outra do setor Colina Quadrada – Regis – notaram que receber bem os funcionários do governo foi fundamental para que esses projetos fossem implantados mais rápido na Ourinho do Norte do que em outras comunidades da região. E isso aconteceu, segundo eles, justamente porque ofereciam comida, pouso e um bom assunto, revelando a importância de protagonizarem⁷ a hospitalidade.

4 O trabalho de Vieira (2015) na comunidade quilombola da Malhada diz que essa época da política pode ser entendida como uma demarcação temporal, geralmente aquela associada à campanha política, em que conflitos e oposição velados durante o período regular do ano podem ser declarados, criando cisões e conflitos abertos. Por exemplo, fora da *época da política* é mal visto uma pessoa ficar falando do candidato, ou então dos seus projetos e das suas qualidades em contextos que ninguém quer saber do assunto. Na época da política, por outro lado, o caminho está aberto tanto para fazer campanha para seu candidato quanto para apresentar rivalidades e cisões e até mesmo alianças que possam beneficiar o grupo, tal como na Ourinho do Norte. Outros processos políticos são vistos também no trabalho de Alessandra Regina Santos (2018) em Pedro Cubas a partir da constituição das associações quilombolas. A antropóloga observa como os residentes passam a circular por outros espaços em busca de assinaturas e documentos ao mesmo tempo que tecem diálogos com quem designam como “gente dos papéis”.

5 Movimento similar é visto na etnografia de Perutti (2018) junto à Comunidade Quilombo Família Magalhães. Tal como na Ourinho do Norte, os interlocutores fazem alusão à sua existência para o Governo Federal a partir do momento em que se tornaram quilombolas, relação esta evidenciada em outros trabalhos (Esteves, 2012; Alves, 2018; Santos, 2018).

6 O programa Luz para Todos foi implementado pelo governo Lula em 2003, enquanto o programa Minha Casa, Minha Vida, embora criado efetivamente em 2009, fez com que as casas de alvenaria começassem a chegar na comunidade mediada pelo Programa Brasil Quilombola já em 2005 (Esteves, 2012).

7 Vale ressaltar que a ação política do receber bem não é feita de maneira consciente e arbitrária, existindo uma tentativa de controle da situação que não é, porém, arquitetada milimetricamente, constituindo antes de tudo um modo de conduzir suas agências. Portanto, esse movimento não imuniza os moradores contra todos os riscos que os chegantes podem oferecer ao serem bem recebidos. Perutti (2018), ao analisar o lado “amigueiro” de João Magalhães no quilombo do Lavado, mostra que, para os moradores de lá, ter amigos pode por vezes trazer mais vantagens do que o dinheiro, revelando que, em contextos políticos, esse engajamento colabora para a demarcação de suas terras. Logo, é importante dosar as relações e entender que receber bem traz vantagens políticas para o quilombo.



Assim, a *receptividade* que até então era feita entres os parentes e alguns chegados passa a ser direcionada a outros agentes como uma deliberada ação política, visando angariar vantagens através do bom tratamento desses funcionários, movimento que não ficou restrito ao plano governamental, mas passou também para os pesquisadores interessados na comunidade, tanto estudantes da Universidade Federal do Tocantins (UFT) como de outras universidades, de modo que desde 2015 o grupo passou a receber constantemente os funcionários ligados ao empreendimento da XRTE.

O empreendimento Xingu-Rio Transmissão de Energia (XRTE) teve início em 2015, sendo organizado e financiado pela empresa State Grid – uma companhia de eletricidade da China. Trata-se da construção de uma linha de transmissão de energia de 2.543 km, que sai de Altamira, no Pará (PA), e finaliza no terminal Rio, em Nova Iguaçu (RJ). A Ourinho do Norte foi impactada com a construção de dez torres de energia elétrica de alta tensão e pela travessia de 12 km de linhas em seu território. De 2015 a 2019, a subcontratada Concremat Ambiental realizou as medidas mitigatórias através de cursos de capacitação e empreendedorismo rural, a reforma do barracão para as reuniões da associação, a construção de dois poços artesianos e de uma unidade de processamento (fábrica) de polpa de fruta, além da realização de cursos sobre sustentabilidade e outros temas. Atualmente, quem estabelece relações com a comunidade é apenas a XRTE.

Assim, ambos os setores querem protagonizar a recepção, tanto para terem a fama de casas e famílias mais receptivas do quilombo, obedecendo, de certo modo, a essa preocupação histórica, mas também para conduzirem as supostas vantagens políticas que as relações com os *de fora* podem oferecer. Mas isso por si só não explica o motivo de esses dois setores competirem entre si para serem a referência de hospitalidade dos *de fora*. A contenda entre Colina e Pavão sempre existiu, mas passou a ser mais acentuada partir de 2017. Explico: desde a criação, em 1990, da Associação dos Mini e Pequenos Produtores Rurais da Ourinho do Norte, os moradores do Colina e do Pavão se revezam na liderança da associação exercendo tanto o papel de referência política como de hospitalidade para os chegantes. Até o ano de 2005, quem conduzia a Associação e lidava com as pessoas *de fora* era Joca (in memoriam) do Pavão, sucedido por Regis do Colina em conjunto com Enade do Pavão (nora de Joca), sendo ele o presidente e ela a tesoureira até 2016.

Entretanto, em 2017 Joana do Colina foi eleita presidente e assumiu a liderança da Associação, passando a receber os funcionários do empreendimento bem como outras pessoas *de fora* que chegam até a comunidade. Porém, diferentemente do seu primo Regis, que atuava em parceria com Enade, ela entende que o cargo de presidência tem limites de atuação, isto é, algumas deliberações devem ser feitas de maneira independente e outras compartilhadas com os demais moradores, pen-



samento que não foi bem visto por Enade. Esse mecanismo de ação era distinto do até então observado por ela, o que a fez perder um pouco do domínio e do controle sobre os chegantes, pois estes, agora, além de não ficarem no seu setor, ficavam com alguém não tão próximo. Esse cenário acabou se tornando um catalizador de conflitos⁸ que, diferentemente de ataques diretos, são externalizados por insinuações e pelos julgamentos que fazem uns dos outros através de comportamentos cotidianos, como, por exemplo, sobre os modos como o outro grupo faz política e/ou interpreta os direitos dos moradores sobre as bolsas de estudos, a forma como educam as crianças, e, principalmente como recebem as pessoas que *de fora*, observando desde o jeito que se oferece um café até como aceitam algum presente.

Nesse sentido, o objetivo desse texto é o de mostrar o modo como cada setor entende e compara a sua *receptividade* com a do outro através dos julgamentos, observações e vigilância feitos pelas mobilidades dos moradores. Essa circulação de comentários acaba por intensificar o conflito entre eles – que buscam sempre protagonizar a recepção –, tendo o seu ponto alto no momento em que um chegante escolhe ou aparenta escolher a hospitalidade do concorrente. Vale ressaltar que neste texto não objetivo centralizar meticulosamente a discussão nos modos de visitar e as suas múltiplas faces – afeto, controle, vigilância, perigo –, mas tão somente apresentar a visita enquanto uma face da hospitalidade e uma das ferramentas de conflito entre os setores. Esse modelo de agência influencia tanto a dinâmica interna quanto reflete também nos *de fora*, visto que dois funcionários do empreendimento, Felipe e Rogério, escolheram um setor e a ele se afeioaram, mostrando que essa sociabilidade *ourinhense*, dada por relações agonísticas, parece cumprir o seu propósito de aproximar e controlar o chegante.

Para complexificar ainda mais essa relação, a nós, *de fora*, ainda era informado que alguns conhecimentos da comunidade só poderiam ser obtidos no setor “concorrente”; logo, se a antropóloga da XRTE, responsável por fazer o PBAQ⁹ do quilombo, quisesse saber do período antigo da comunidade, deveria fazer uma visita a Joca do Pavão. Mas se fosse o caso de assinar um documento a respeito dos impactos nas terras *ourinhenses*, ela deveria falar com Regis ou Joana do Colina. Eu, enquanto pesquisadora, se quisesse saber um pouco mais a respeito do auge das políticas públicas, deveria falar com Enade, mas se fosse o caso de saber algo sobre categorias êmicas e suas definições, deveria falar com Ieda, irmã de Regis e prima de Joana do Colina.

8 Vale ressaltar que os conflitos entre os setores são anteriores a essa mudança política na Associação, isto é, já havia divergência de ideias, pensamentos e modos de atuação, indo ao encontro do que Comerford (2003) disse sobre o conflito na Zona da Mata Mineira enquanto algo fundamental para a constituição das famílias e das suas respectivas reputações. É no plano da retórica e da prática que as famílias se constituem, através da discussão moral, do respeito e da reputação, permitindo um maior índice da familiaridade e união.

9 Programa Básico Ambiental Quilombola (PBAQ).



Cada um desses setores e dessas personagens parecia ter um domínio muito específico sobre parte da vida na comunidade, exigindo dos *de fora* um equilíbrio das relações constituídas com essas personagens que, ao mesmo tempo que entendiam a importância do outro, não dosavam suas provocações e insinuações ao setor concorrente.

Para entender esses modos de visitar e receber, irei mostrar o movimento – observações, narrativas e julgamentos – de cinco figuras centrais dos dois setores: Ieda do Colina e Margareth do Pavão; uma figura, Regis, que pouco fica, muito anda e muito sabe ao fazer *a sua ronda* do Colina; e, por fim, duas lideranças da comunidade Enade do Pavão e Joana do Colina, que, ao mesmo tempo que recebem muitas pessoas, precisam transitar em suas visitas aos moradores da Ourinho do Norte para entenderem suas demandas. Darei atenção às conversas e aos gestos que acontecem no espaço das casas, entre quem recebe e quem é recebido, mas também no espaço de caminho, no percurso daquele que se desloca de um lugar ao outro, buscando olhar mais para uma narrativa do percurso do que do destino (Souza; Guedes, 2021).

Para acompanhar essas mobilidades que desaguam em prévias, presentes e/ou futuras narrativas sobre a *receptividade*, eu me dividi entre os dois setores, isto é, passei um tempo como visita de cada um deles. Durante esse período, presencial e a distância, além de observar as mobilidades, pude entender que o conflito era acentuado pela permanência e/ou suposta preferência que uma pessoa *de fora* destinava a um setor. Esse grau de proximidade era medido pelo tempo que alguém passava no setor “rival”, mesmo quando esta permanência obedecia a interesses de trabalho. Essa sociabilidade agonística,¹⁰ mostra como as mobilidades não são mero deslocamento, existindo sempre um motivo e um objetivo ao circular e ao receber, destacando modos de vigilância, afeto e controle, que são construídos no fluxo de pessoas nas/das residências, permitindo, como mostraram Comerford (2003, 2014), Cerqueira (2010) e Dainese (2011, 2016), a existência de toda uma sociabilidade dada pelas narrativas, vigilâncias e julgamentos feitas sobretudo nos atos de visitar.¹¹

Aqui ainda vale ressaltar que este é um trabalho sobre o cotidiano de uma comunidade quilombola envolto pela categoria *receptividade* dentro de um modelo analítico e interpretativo que dá mais ênfase aos agenciamentos internos desses grupos, tais como os conflitos, as diferenças, as relacionalidades, as segmentaridades e a hospitalidade. Trata-se, portanto, de uma abordagem distinta e do que era comum encontrar nos trabalhos sobre comunidades quilombolas que tinham as suas pesqui-

10 A palavra agonística, segundo Comerford (2003), sinaliza o combate, podendo se tratar de uma dimensão artística – de espetáculo ou dramatização pública –, como também de uma técnica que pode ser julgada e apreciada publicamente pelos que a praticam e conhecem.

11 Sobre o conceito de visita nas comunidades rurais mineiras, conferir Cerqueira (2010) e Dainese (2016).



sas voltadas para temáticas como a demarcação do território, a história, a formação da identidade e a constituição de grupos étnicos (Barth, 1998) ligados por laços de etnicidade (Cunha, 2009; Arruti, 1997, 2006; O’Dwyer, 2002).

Esses estudos foram e são relevantes, pois definir o vínculo territorial e identitário de determinado grupo é uma ferramenta importante para pensar os povos tradicionais diante das relações macropolíticas ligadas ao âmbito do Estado. Aqui, porém, mostraremos outras ferramentas políticas e relacionais desses grupos, inspiradas em trabalhos antropológicos como o de Hartung (2013), que tece contribuições para esse debate ao discutir o múltiplo pertencimento quilombola em relação aos impasses evocados pelas categorias exclusivas do Estado. O trabalho de Vieira (2015) entre os quilombolas da Malhada, na serra do Caetité (BA), mostra como a categoria *assuntar* (questionar) envolve uma forma de criatividade que perscruta, tateia, conjuga sinais e levanta questões. Eles fazem isso para lidar com os assuntos pesados, como as mudanças ecológicas e do mundo sobrenatural. Outros trabalhos também contribuem para essa trilha de pensamento (Mello, 2010, 2012; Sauma, 2013; Perutti, 2015; Alves, 2018; Santos, 2018). No que tange à produção bibliográfica referente ao estado do Tocantins, temos os trabalhos de Ana Cláudia Marques (2014), Kátia Marques (2014), Matos (2018) e Xavier (2019), e sobre a Ourinho do Norte, encontra-se a tese do historiador Francisco Esteves (2012), na qual o autor aborda a relação entre a sua estrutura socioeconômica e o processo histórico de reconhecimento como remanescente quilombola a partir das políticas do Governo Federal iniciadas em 2006.

Por fim, vale ressaltar que a pesquisa na comunidade vem sendo realizada desde o ano de 2019 até a presente data. Em 2019, fiquei na comunidade de abril a agosto; em 2020, permaneci vinte dias no mês de janeiro; e, no final de 2021, fiquei um mês, entre novembro e dezembro, no quilombo. Em 2019, passava a semana na comunidade e o final de semana em Palmas, ficando uma semana no Colina e outra no Pavão. Em 2020, fiquei hospedada em Porto Nacional, sem residir em nenhum dos setores. Em 2021, por fim, passei 15 dias no Colina e 15 dias no Pavão, não deixando, é claro, de transitar também pelos outros setores do quilombo.

O COLINA

Ser bem recebido na Ourinho do Norte significa oferecer uma água, um café, uma comida, um assento, uma pausa no trabalho, às vezes um suco, e se mostrar afeito à conversa. A recepção é destinada a qualquer pessoa, parentes por afinidade próximos ou distantes, conhecidos, desconhecidos, agentes da prefeitura, do esta-



do, da XRTE, de outras comunidades quilombolas, da UFT. À medida que o chegante vai pegando intimidade e se tornando *de casa*,¹² a recepção passa a ser mais calorosa conforme o setor, mas, em sentido geral, você é convidado para um almoço, para sentar no espaço da sala e da cozinha e comer um beiju de tapioca, é convidado para um churrasco, para *matar um frango pra gente comer*, de modo que seu trânsito na comunidade é feito livremente. Você se aproxima de outro modo, sua presença é andar, chegar às casas, afinal, todos te conhecem. São os amigos, os que se tornaram amigos e os parentes próximos.

Nas primeiras visitas ao Colina, a recepção era feita por todos que residiam ali, afinal, quem era a antropóloga que estava com Joana e Regis e queria conhecer a comunidade? Tinha uma dose de curiosidade, mas também de preocupação; eles precisavam entender os meus objetivos. Não que isso fosse feito à luz de caras fechadas, pouco assunto e desconfiança assumida; pelo contrário, eles eram abertos, barulhentos, alegres e sempre muito solícitos. Ao primeiro sinal da minha chegada, as crianças e Regis vinham correndo em direção ao carro, e os adultos paravam na porta da casa para me esperar descer. Eu chegara como *visita*, mas logo fui me tornando *de casa*. A visita, segundo Ieda, **são aquelas pessoas** “*que não tem tanta intimidade, aí precisa sentar e largar o de fazer, tem uns parentes que é visita, as pessoas de fora, ou que mora mais longe ou de idade*”. A visita aí representada por Ieda era feita por alguém com quem não se tinha tanta intimidade e por isso era desejável que o dono da casa dedicasse um tempo a esse encontro, o que não invalidava o fato de uma pessoa *de casa* também vir a ser *visita*, mas para isso acontecer era preciso *combinar*.

Quando se combina uma relação de *visita* entre os *de casa*, isso significa que o anfitrião vai dedicar um tempo a uma pessoa que tem o hábito de apenas chegar, vai preparar uma refeição fora do habitual ou, mesmo se for dentro do habitual, o que terá destaque é a dedicação a esse encontro. Cerqueira (2010, p. 62) observa isso também na comunidade mineira dos Buracos “Uma pessoa chegada pode eventualmente receber um tratamento mais cerimonioso, de um modo que se assemelhe à visita, mas que talvez seja apenas o traço casual de uma oportuna demonstração de afeto”.

À medida que ia me aproximando dos moradores do Colina, eu oscilava entre ser *de casa* e ser *visita*, pois, ao mesmo tempo que eu podia transitar, ainda assim não ficava totalmente livre como os parentes, havendo uma preocupação com o meu almoço, o meu café da manhã e a reserva de um espaço privado para eu dormir e

12 *Ser de casa* é tanto uma forma de movimentar quanto uma condição de ser visto e de ser recebido. Quem é *de casa* geralmente se movimenta dando *um recado*, *fazendo bestagem*, *fazendo a ronda*, *fofocando* e *fuxicando*. Ademais, são pessoas diante das quais não é preciso haver cerimônia, justamente pela proximidade entre o anfitrião e o hóspede e pelo parentesco.



descansar. Segundo Regis, o bom anfitrião oferecia isso tudo: “*liberdade, atenção, cama, assunto, comida e roupa lavada*”. Essa *liberdade* envolvia sobretudo o trânsito, a mobilidade de ir e vir entre as casas, de sentar no sofá sem um convite prévio, de puxar um assunto com o dono da casa sabendo que ele também iria retribuir àquela atenção, e até de cochilar se fosse o caso. Nos períodos em que estive hospedada no Colina, a maior parte do tempo fiquei com Joana e, assim como ela, fazíamos a refeição na sua prima leda.

Durante o tempo que fiquei com Joana, observei o modo como ela recebia os chegantes: agentes *de fora* da XRTE, parentes próximos como leda e Regis, mas também os mais distantes como Indira e Enade do Pavão. Estas últimas iam até a sua casa sempre com um objetivo definido, não ficavam *fazendo bestagem* – movimento de ficar transitando na vizinhança associado à brincadeira – como os *de casa*. Recebia também alunos, ex-alunos ou futuros alunos da UFT que a procuravam para pedir que assinasse algum documento necessário para uma bolsa de estudos. Às visitas com menor intimidade, como no caso dos parentes distantes, ela oferecia um café e algo para comer, enquanto para os mais próximos não era preciso convite, estes já chegavam “*mexendo nas panelas*”.

Era habitual que Távito, funcionário da XRTE, chegasse em sua casa na hora do almoço, e Joana poderia tanto estar na porta com um sorriso no rosto como no fundo lavando roupa, mas, independentemente do lugar, a liderança *largava o serviço* e ia em direção ao funcionário oferecendo o *de comer*. Podia ser uma omelete com arroz, uma carne de panela, mas também oferecia uma ressalva: “*da próxima vez que vier nesse horário traz um sorveteinho, é bom*” (risos). Ela também fazia isso com Jéssica, caso a funcionária ligasse ou se dirigisse ao quilombo para tratar de assuntos referente às medidas mitigatórias do empreendimento, marcando alguma reunião ou encontro; Joana se antecipava: “*Quando vier traz um bolo para o lanche amanhã, viu Jéssica, aí eu passo o café*”. Outras vezes, quando não fazia o café, ela levava suco de polpa de fruta – feito no quilombo – para acompanhar alguma refeição que ela pedia. O tom descontraído direcionado a esses funcionários eram revelados a mim, em momento posterior, como um modo de receber bem, “*porque somos educado e puxamos Vó Antônia*”, mas também de vigilância para “*não vir chegando de qualquer maneira*”. Existia em Joana uma consciência do seu ato, que também levava em conta a importância de agradar o chegante: “*Ei Dani, eu falo isso brincando, gosto da Jéssica, mas eles têm interesse aqui e tão ganhando dinheiro, o que tem que trazer um bolinho?*” (risos).

Esse modo de receber os funcionários não era presenciado apenas por mim, mas também por outros moradores da Ourinho do Norte que, no seu movimento de andar pela comunidade, ouviam e faziam veicular as palavras e os julgamentos



de cenas como essa entre Jéssica, Távito e Joana. Esses movimentos poderiam virar *fofoca*¹³ – comentários gerais sobre o ocorrido – ou *fluxico* – comentários maldosos da mesma situação. A diferença de um para o outro era o tom da abordagem e a insinuação do fato, ou seja, se continham ou não julgamento. Sobre esse assunto, chegara aos ouvidos de Joana – nunca se sabe por quem – que estavam comentando *lá embaixo*¹⁴ sobre o modo dela receber os funcionários do empreendimento: “*onde já se viu pedir comida para quem vem na comunidade*”. O tom de reprovação julgava não só o jeito como Joana estava recebendo os funcionários, mas como toda a comunidade seria vista em termos de receptividade. E essa conversa não parava por aí, pois Joana, ao ouvir o comentário, saiu em direção à casa de Ieda: “*Ieda, acho que uns aí não achou bom eu pedir as coisas para Jéssica não*” (risos). Ieda completava a frase com “*não sei qual o problema disso, até se me oferecer: – oh gente sobrou isso aqui, quer levar? Eu pego na hora, tem cerimônia não, agora tem um povo aí...*” Os termos “*uns aí*” “*e o povo aí*”, aos quais elas faziam referência, eram os moradores do Pavão, para os quais essas atitudes receptivas eram inadmissíveis.

Com o objetivo de legitimar a ação do Colina, as primas continuavam a prosa – a pé, no carro ou na casa uma da outra – tecendo comentários sobre o que acreditavam ser uma boa recepção: “*Tem que ficar à vontade, ter liberdade, poder trazer a comida, pois as vezes eu não tenho condição de fazer uma comida diferente e ainda divide com o dono da casa*”. No entendimento de Joana, pior seria oferecer a Jéssica algo que ela não gostasse do que pedir para a funcionária levar “*um bolinho*”. Ademais, esse movimento reduzia os custos do anfitrião para oferecer o alimento ao mesmo tempo que permitia à liderança observar e entender o seu gosto. Esse **modus operandi** foi também direcionado a mim não só por Joana, mas também por Ieda. Incontáveis foram as vezes que, se não pediam algo da cidade para complementar uma refeição, sugeriam que eu fizesse alguma comida ou indicasse uma preferência de um suposto alimento. Quando eu me posicionava diante disso, elas comentavam: “*ah então você gosta de café sem açúcar*”, “*você prefere ovo do que carne frita*”, “*Dani vive de dieta, gosta de salada*”, ou ainda “*suco é sem açúcar*”.

Sobre o modo de receber o visitante, as primas também diziam que a pessoa podia ser hóspede e não oferecer nada, já que às vezes a pessoa não tinha condição

13 Diferente de Comerford (2003) que sinaliza que, entre os seus interlocutores, a *fofoca* seria um termo forte e com alta carga negativa a depender das circunstâncias e da maneira de narrar, no Ourinho do Norte tal entendimento era atribuído ao termo *fluxico*. A *fofoca* seria uma maneira de mostrar a mobilidade de um assunto, podendo até mesmo, através dela, construir relações de amizade, como acentuava Vando, pai de Ieda: “*fofoca traz graça, fluxico traz desgraça, fofoca faz amizade e fluxico inimidade*”.

14 Quem está no Colina faz referência ao Pavão também como “*povo lá de baixo*” e quem está no Pavão faz menção ao Colina como “*povo lá de cima*”. Essa percepção está baseada mais em uma medida de altitude do que de latitude.



de levar alguma coisa e o *básico não faltava* (arroz, feijão e carne); agora, se a pessoa quisesse levar um alimento para consumo próprio ou coletivo, ou até mesmo para agradecer a recepção da família acolhedora com outro agrado, não havia problema. E, para isso, elas davam o exemplo de Rogério,¹⁵ que não tinha o costume de levar comida, mas agradava cuidando das crianças e dos animais domésticos. Ele adorava comer tudo que ofereciam a ele e o “*que via pela frente, não tinha frescura, era macarrão com ovo, peixe de molho de Regis, carne frita, o que tivesse ele mandava pra dentro*”, concluía leda. Às vezes, dizia Joana, “*nem a gente gostava da comida e ele tava lá se esbaldando*”. O funcionário poderia até ter mais benesses no Pavão por ser um setor mais abastado, entretanto, segundo elas, ele preferia ficar no Colina, “*igual você né, Dani?*”, diziam eles, rindo da minha feição impassível. Em seguida diziam que era brincadeira, mas acrescentavam: “*você já é como a gente, não dá pra comer esse macarrão do Regis, mas aqui a gente brinca, não te obriga a comer*” (risos).

A brincadeira com Regis era rotineira, especialmente pela comida que ele oferecia às visitas que, segundo elas, não era tão boa, “*só Rogério para comer*”. Esse macarrão com ovo me foi oferecido muitas vezes, mas as primas não o deixavam fazer “*aquilo comigo nem para agradecer*”, e logo caíam na risada. Ainda nessa última frase elas também ressaltavam: “*a gente não te obriga a comer*”. Era uma insinuação aos moradores do Pavão, onde, caso o visitante não gostasse da comida, ele não tinha a opção e nem a liberdade de recusar, pois se o fizesse seria repreendido pela “*falta de educação dos de baixo*”, concluía Joana e leda.

O FAZER A RONDA

Aos ouvidos de Regis chegaram também os comentários sobre a recepção de Joana aos funcionários do empreendimento, e isso acontecia a partir de um movimento próprio, o *fazer a ronda*. Trata-se de um movimento sistemático, diário e feito tanto com os parentes íntimos quanto com aqueles de pouca intimidade. Ele conjuga outras mobilidades como o *fazer bestagem*, *dar recado* e *fazer uma visita*, mas, diferentemente de outros moradores que tinham sua imagem associada a algum afeto ou desafeto, a figura de Regis era vista com imparcialidade, sendo ele o único na

15 Rogério foi funcionário da subcontratada da XRTE – Concremat Ambiental – de 2017 à 2019, retornando ao quilombo, como amigo, em 2021 e passando dois meses com os moradores do Colina. Leda me relatou que a forma que ele encontrava para agradecer a estadia era no cuidado que ele tinha com Life e Puff, os cachorros de Joana. Segundo leda, “*ele pegava os bichos e levava lá no Porto no veterinário e trazia de volta, Puff estava bem feio mesmo e ele ficou com dó, e ele é biólogo, ele pegou o cachorro dela [Joana], ela nem estava e levou pro veterinário no carro*”. Outras vezes o agradecimento se dava através do cuidado para com os filhos delas ao ensinar “*Aleandro a dirigir a sua caminhonete*”.



Ourinho do Norte que transitava entre todos os setores sem que alguém levantasse qualquer dúvida ou insinuação quanto a sua presença. E isso acontecia justamente porque ele se mostrava ponderado diante das situações de julgamento, o que não impedia, porém, que circulasse pela comunidade algum comentário sobre ele, com a diferença que isso se dava com uma abordagem mais sutil. Explico.

Hospedada no Colina, quando não estava na casa de Joana, eu fazia a *ronda* com ele pela comunidade; segundo Regis: “*eu chego nas casas, vou na área, tomo um cafezinho, vou na cozinha, assunto¹⁶ e vou embora*”. Ao fazer a sua *ronda*, muito ele sabia e muito ele conhecia, e foi assim que ouviu o comentário a respeito de sua prima quando passávamos em frente à casa de Margareth do Pavão. Do seu quintal a moradora conseguia avistar quem passava pela estrada e, ao nos ver, ela gritou: “*Ei Daniella, cuidado pra não ficar lambida como Joana, daqui a pouco tá pedindo comida nas casas ou pro povo aí*” (risos). Essa conversa já tinha circulado pelo Pavão, não sendo comentada só por Margareth, mas por vários outros a respeito daquela recepção. Regis diante dela, contantava-se em dizer “*paz do senhor*” e seguia andando, e eu, para amenizar aquele comentário, detinha-me a replicar: *está tudo certo Margareth, mais tarde eu passo por aí*.

Entretanto, ao retornamos para o Colina, Regis não deixava de comentar em tom de brincadeira com Joana “*Ei Joana, fiquei sabendo que você tá pedindo comida para Jéssica...*” (risos). Ieda, junto com o irmão e a prima, que também estavam na casa, começaram a rir daquela situação, não deixando, é claro, de me explicar que essa relação com a Jéssica não se dava com todos os visitantes, mas como a XRTE estava lucrando com a comunidade, não deixariam de pedir. Ieda concluía seu pensamento ressaltando também que “*o povo ali de baixo é muito ciumento, por isso tão falando isso de Jéssica*”. O fazer a *ronda* de Regis era um importante mecanismo para observar e vigiar os comentários dos moradores do Pavão sobre a recepção do Colina, mas ele não fazia circular os comentários como *fuxico*, e sim como o que intitulava *fofoca sadia*, e era só “*com Joana e Ieda, nem com pai, ele fala muito*”.

O fazer a *ronda* poderia ser realizado também como uma forma de vigiar se o visitante estava sendo bem recebido no seu setor, bem como para saber o que ele estava fazendo. Todos os dias ele *fazia o giro* pelas casas do Colina e, no período em que fiquei em Joana, ele ia até lá para verificar como eu estava sendo recebida, oferecia a casa dele para eu estudar, levava abacate para mim e Joana, e até mesmo oferecia um frango que Ieda fazia de janta. Com Rogério também foi assim quando o agora ex-

16 É participar de um assunto ou de uma conversa, sem demonstrar claramente o interesse; outras vezes, *assuntar* pode ser visto como o observar, sem fazer perguntas ou falar coisa alguma. Existem, ao menos, dois formatos: um mais ativo, que seria feito por meio de perguntas diretas, e outro menos ativo, que consiste em apenas observar sem tecer qualquer comentário.



-funcionário da XRTE voltara ao quilombo em setembro de 2021, permanecendo dois meses na casa de Regis – recém-construída pelo projeto Minha Casa, Minha Vida. Ali, ele transitava pelas casas do Colina e pouco nas casas do Pavão, me diziam os primos, mas quando estava a serviço do empreendimento ele circulava por todos os setores. Comia tudo que Regis oferecia, levava presentes de Porto Nacional para Vando – pai de Regis – e, além de ser agraciado com as comidas, o assunto e a risada nunca faltavam, concluíam eles. Rogério parecia ter se afeiçoado à hospitalidade do Colina, dizia a liderança com orgulho.

O PAVÃO

No Pavão, o conceito de *visita* era similar ao definido por Ieda. Margareth dizia: “*visita assim é um tipo de pessoa que é mais assim, a pessoa não tem essa liberdade de chegar e entrar, entendeu*”, mas, em oposição ao Colina, onde visitante usufruía de certa liberdade nas suas escolhas, no Pavão a *visita* era vigiada por um controle direto e sério. Nas primeiras idas até o setor eu também era recebida por todos; entretanto, diferentemente dos “*de cima*”, onde as crianças e alguns adultos antecipavam os passos da minha chegada, no Pavão eram os meus passos que se direcionavam às crianças e às famílias. Ao sinal de um visitante, eles não tinham o costume de ir recebê-lo; o visitante é que ia em direção aos moradores reunidos no barracão de torrar farinha, descascando mandioca ou fazendo rapadura: são “*um povo trabalhador*”, dizem de si mesmos. Esse modo de receber não deixava de ser também um mecanismo de vigilância, mas, diferentemente do Colina, em que se aproximavam do chegante para vigiar, no Pavão, supunha-se que o *de fora* desse o primeiro passo – afinal, o interesse era deles. Isso não significava a existência de uma recepção pouco acolhedora, mas sim de uma aos moldes da *natureza do setor*¹⁷ de Joca, ou seja, *desconfiada*.

O movimento ali era diferente: a quantidade de crianças entrando e saindo das casas, bem como de parentes indo e vindo, era menor que o ritmo do Colina. O lugar era mais silencioso e pacato. O movimento, bem como os julgamentos sobre as outras famílias, eram feitos em uma triangulação de casas, tendo a de Fernanda no

17 A *natureza do setor*, em sentido geral, era definida pelo comportamento de determinada família diante de várias situações da vida cotidiana, envolvendo desde os *modos de receber, de criar, de trabalhar, de fazer vizinhança, de conversar*, os valores morais e até mesmo políticos. Segundo Vando, pai de Ieda, “*natureza é como se diz, às vezes tem uma natureza que gosta de todo mundo, aí todo mundo acompanha*”. Essa *natureza* poderia ser por continuidade, pelo sangue familiar, mas também pela criação da pessoa, por intermédio da educação, *do viver junto*. Ana Claudia Marques (2014), em seu trabalho de campo, observa esse movimento através do termo *raça, povo ou natureza do povo*, fazendo referência às singularidades físicas, adesões políticas, morais, psíquicas e temperamentais de um universo de parentes.



centro, a de Indira à direita e a de Enade à esquerda. Essas casas eram separadas por menos de quatro metros uma da outra, de modo que do quintal de uma já se ouvia o assunto do quintal da vizinha; além disso, a disposição das casas e do setor permitia a esses moradores a constante vigilância daqueles(as) que passavam pela estrada central da Ourinho em direção ao Colina. Elas conseguiam ver não só quando alguém subia, mas a duração do encontro, controlando a chegada, a saída ou a permanência de algum parente, amigo ou funcionário da XRTE uma vez que, do mesmo modo que subiam, tinham que descer passando novamente na porta do Pavão.

Alguns visitantes, no retorno, passavam no setor e desciam, e quando isso acontecia Enade não deixava de comentar, como com Felipe:¹⁸ “*Ei, vi sua caminhonete subindo, está descambando pra lá?*” Ou então, quando eu descia após ter passado o dia com o povo do Colina: “*a gente viu seu carro subindo logo cedo, aí resolveu aparecer, hmm ai ai*” – concluía Enade. Outras situações poderiam vir acompanhadas de silêncio, da virada de costas e da mudança de assunto na minha presença, sempre junto de gestos de desconfiança e olhares fuzilantes, deixando a cargo do visitante – como no meu caso – a apresentação de uma justificativa razoável para aquela preferência momentânea. Várias eram as justificativas que eu apresentava – se plausíveis ou não, eu não sei –, e elas eram aceitas por uma característica que Margareth endereçava a mim: *ser lambida*, ou seja, não ter “*vergonha na cara, ir chegando, assuntando e quando vê todo mundo ama*”.

Eu ria, abraçava e desviava a conversa para não fazer daquela vigilância e comparação com o setor “rival” a centralidade do nosso encontro, afinal eu não estava ali para alimentar cisões, mesmo que, momentaneamente, também fosse o motivo delas. Para evitar esses comentários, não apenas eu, mas também Felipe e alguns funcionários da XRTE, como Rogério e Jéssica, entendíamos a importância de “equilibrar os setores”. No meu caso, se o objetivo fosse estar com o pessoal do Colina, eu descia antes no Pavão, passava na casa de cada um – ao todo eram cinco casas –, cumprimentava os moradores e tomava o café que me era oferecido. Se eu passasse na Fernanda, a demora era certa. Ela me oferecia cacau, buriti, suco de acerola, frango, quiabo e salada. Ali eu não podia cozinhar como no Colina, pois isso era proibido já que, segundo Fernanda, quando tem visita na sua casa “*o tratar é diferente, tem essa de levar e fazer nada não*”.

18 Muito embora as deliberações sobre o empreendimento fossem feitas no Colina, por ser o setor de residência de Joana, ainda assim era comum que os funcionários do empreendimento também fossem ao Pavão e estabelecessem relações com Enade, tanto em respeito à sua figura tradicional, como também pelo fato dela ser respeitada pelos moradores e influenciar as decisões coletivas da comunidade. Felipe é funcionário da Concremat Ambiental, mas, diferente de Rogério, ele ainda é vinculado à empresa, sendo que ambos finalizaram o trabalho com a Ourinho do Norte em 2019. Nesse projeto, Felipe permaneceu de 2017 até o começo de 2020.



Em algumas dessas visitas à casa de Fernanda era comum Enade ouvir a minha voz ou a de Fernanda e logo vir compor a cena. O assunto era diverso, e em algum momento a receptividade do setor concorrente era colocada em xeque. Em um dia que eu ainda estava hospedada no Colina, ela me disse: “*não sei porque você não fica só aqui, como guenta aquela criançada pedindo as coisas, hmm, o povo ali nem sabe educar os filhos*”. E para legitimar seu julgamento, apresentava uma situação sobre “*Marquinhos e Jorge [filhos de Marina do Colina], que ficam a tarde toda no bar com a mãe, não demora vai seguir o exemplo*”. O comentário também se estendia à filha de Neira, esposa de Luis do Colina que, enquanto a mãe estava no bar, ficava sozinha em casa sendo alvo de qualquer *homem desocupado*. Enade tinha conhecimento dessas *fofocas nunca se sabe por quem* e do mesmo jeito que comentava sobre essas características do pessoal do Colina, ela também veiculava insinuações e julgamentos sobre a recepção de Joana com o pessoal da XRTE que ouvira de uma *visita* que fez a Mendes, na Laranjeira (setor). O morador estava na reunião com a Jéssica e logo comentou com Enade, que, por sua vez, repassou o comentário para Fernanda e Indira do Pavão.

Esse assunto foi colocado em cena em um dia que estava acompanhando Enade até a fábrica de polpa de fruta, junto com Fernanda: “*onde já se viu, Fernanda, pedir pra levar comida, cumpade Mendes tava me contando, o que vão falar da comunidade quilombola, não é Daniella?*” Em contrapartida, eu me limitava a dizer que cada um tinha um jeito de receber e que talvez não fosse tão problemático a XRTE levar algo, visto que estavam ganhando muito com a comunidade. Enade, ignorando o meu comentário e ainda inconformada com a situação, me dizia: “*hmm, Ourinho do Norte é famosa porque a gente trata bem, não é Fernanda?*” E, para finalizar o seu pensamento de que o Pavão *tratava melhor*, ela me apresentava o comentário de um amigo do seu filho que ficara em sua casa tempos atrás; o rapaz morava em outra comunidade quilombola no interior do Tocantins e disse a ela: “*Dona Enade, já fui em muita comunidade assim, sabe, mas tipo assim aqui na Ourinho do Norte, na casa da senhora, deixa a gente a vontade, é diferente*”.

Para Enade a visita tinha que ficar à vontade na sua casa, mas “*não podia cozinhar e tinha que comer aquilo que dá sustança, a pessoa tem que trazer nada não, tá no quilombo, tem que saber dos costumes daqui*”. E para reiterar os modos de não deixar o visitante fazer muita coisa, ela retomava a figura de Felipe: “*Felipe mesmo disse que tem comunidade que ele já passou fora daqui e as daqui da região que ele não volta mais, ele fica aí em casa, ele gosta dos caldinhos né, do de quiabo assim que eu faço né, comida que dá sustança*”. Outras vezes dizia que Felipe deitava no sofá de Antônia, esposa de Joca, dormia e estava sempre querendo aprender sobre a vida quilombola,



“era muito amigo de Leandro”, dizia Enade sobre a relação de Felipe com o seu filho Leandro. Felipe, após ter finalizado o trabalho com o empreendimento, voltou até a comunidade, hospedando-se em tempo integral na casa de Enade do Pavão. Ele, afinal, parece ter se afeiçoado à recepção “dos de baixo”.

UM CONVITE

As insinuações e julgamentos pelo modo como cada setor recebia eram feitas em diversas situações, como mostrado acima, mas uma em especial merece destaque. Quando eu era visita no Colina, era comum eu ir ao Pavão, e isso acontecia em duas situações. A primeira era feita por mim como uma forma de equilibrar as relações, de modo que, mesmo hospedada no Colina, eu ia fazer algumas visitas e entrevistas no Pavão para não me distanciar dos interlocutores de lá, do mesmo modo que, quando estava hospedada no Pavão, fazia visitas ao Colina. A segunda situação se dava quando os moradores do Pavão me convidavam, enquanto eu estava hospedada “em cima”, para jantares, almoços e festividades. Já sendo visita no Pavão, os moradores do Colina, com menor frequência, começaram a fazer isso também, em uma clara tentativa de se aproximar de mim e me manter por perto para verificar como eu estava sendo recebida no setor concorrente, bem como para entenderem o meu posicionamento diante dos setores.

Logo nas primeiras semanas de 2021, quando estava me hospedando na casa de Joana, recebi um convite para um churrasco em Indira, vizinha de Enade no Pavão. Comentei com minha anfitriã que não precisava contar comigo para o jantar, pois ia comer “lá embaixo”. Ela, em tom de brincadeira, mas deixando uma insinuação, me disse: “mas você está aqui, esse povo não para, mas deixa, quando você for pra lá vai ter que vir jantar aqui também, vamos convidar” (risos). Diferentemente da situação do Colina, vigiada pela brincadeira e pelas provocações, quando descii para o jantar em Indira, as insinuações começaram a ser feitas: “olha quem apareceu”; “achamos que só ia ficar com esse povo pra lá”. Enade era quem encabeçava todos os comentários, que eram seguidos pelo aceno de cabeça de Indira. A liderança continuava: “Eu não sei por que você não fica aqui, comadre Indira tem um quarto de casal, ventilador e banheiro só pra você”.

Eu a confrontava dizendo que não era possível fazer uma pesquisa sobre a comunidade ficando apenas em um setor e, para isso, eu retomava algo que ela mesma havia me dito ainda nos primeiros meses de pesquisa, sobre conhecer a comunidade como um todo. Para também ter a anuência de outros moradores, recorria a Fernan-



da, cunhada de Enade, e a Anita, sua filha, dizendo: *eu não tenho que ficar em vários setores gente?* Elas riam como quem concordava, mas também não discordava da parente. Enade, quando contrariada, antes de finalizar uma frase ou um pensamento soltava uma singular onomatopeia, “*hmm ai ai*”, que significava tanto a reprovação quanto a mínima aceitação diante do ocorrido. Assim, diante do meu comentário sobre ficar em vários setores, ela retrucava: “*hmm, ai ai, pelo menos você está com Regis, o único que presta ali*”. Magda, filha de Margareth, que também presenciava a cena, dizia: “*aqui a gente é mais divertido, lá o povo pede pra levar as coisas*”.

Sobre essas insinuações, que contêm tanto uma provocação dos modos de receber do Colina comotambéma ressalva da boa reputação de Regis, eu me detinha a pensar que são modos de recepção distintos, mas que eu me identificava com os dois. E, para escapar desses questionamentos, sempre dava como exemplo as pessoas que eles também me ofereciam como exemplos, os funcionários da XRTE que vieram antes, durante ou após a minha presença. Desse modo, eu continuava a dizer, *vocês faziam isso com Felipe? Porque até onde eu sei ele também ficava no Colina. Ao que Enade respondia: “hmm, ai ai, mas ele gostava mais de ficar aqui, igual o professor Francisco¹⁹ do Rio, fez a pesquisa e ficou aqui, a gente recebe melhor*”.

No seu pensamento, validado pelos demais moradores do Pavão, era inadmissível alguém de fora se identificar com os moradores do Colina pelos modos de receber, justamente porque, diferentemente de lá, eles não deixavam o chegante levar agrados para as refeições. Em tom provocativo, a liderança continuava: “*anda levando comida lá pra cima?*” Ou então: “*aqui você diz o que gosta de comer que a gente faz, nosso tratar é diferente*”. Fernanda continuava a destacar as cisões, mas agora pelo viés da política: “*igual com Marquinhos [atual prefeito], eles lá votaram nele e a gente em Miuk [ex-prefeita], mas ele vem e dá mais atenção pra nós que pra eles, aí o fogo inflama, mais pra gente do que pra eles que votaram*”. Essas insinuações vinham sempre com um questionamento final que buscava um posicionamento da minha parte, mas caso este fosse feito, poderia também não ser tão bem visto. Enade dizia: “*quando você voltar, ter terminado a pesquisa, vai ficar aonde?*” Fernanda interrompe e diz: “*Rogério ficou só pras bandas de lá, mas Felipe, nosso xodó, ficou aqui*”. Eu respondia com uma feição impassível, dizendo apenas que era possível construir relações distintas e sinceras com ambos os setores, não sendo possível ter preferência por um, ao que ela então concluía como sempre: “*hmm, ai ai*”.

Hospedada no Pavão, recebi poucos convites dos primos para alguma festividade; eles entendiam ou pelo menos diziam entender a importância de equilibrar a minha presença e pesquisa em todos os setores, inclusive no Pavão. Entretanto,

19 Francisco Esteves concluiu em 2012 seu doutorado em História Social, tendo a Ourinho do Norte como referência de sua tese.



quando aceitava um desses convites como o churrasco na casa de Ieda, eles faziam um questionamento similar ao feito pelo Pavão, diziam ser uma brincadeira, mas que existia um “teste final”. Tal como Rogério e Felipe, que parecem ter escolhido apenas um setor para a hospedagem, Ieda dizia: “com Rogério, Dani, eu estava ainda desconfiada da amizade, mas aí ele voltou e ficou aqui, quero ver você” (risos).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este breve ensaio etnográfico buscou mostrar a forma como os moradores entendem a *receptividade* e realizam as insinuações e os julgamentos – pelas mobilidades veiculadores de conversas – sobre o modo como o outro setor recebe o visitante. Isso se dá tanto por um modelo histórico, como Joana disse sobre serem educados e honrarem a *vó Antônia*, mas também enquanto ferramenta política, vista desde o começo dos anos 2000, para obterem vantagens²⁰ com essas aproximações. Entretanto, mais do que apresentar as vantagens políticas angariadas pela boa recepção, o objetivo desse texto foi o de mostrar o **modus operandi** da relação entre os *de dentro* que não deixa de afetar quem vem *de fora*, vide o posicionamento de Rogério e Felipe. Parece existir tanto uma vigilância feita pelos moradores sobre si mesmos, como também para com as pessoas *de fora*, o que me parece apontar para um balanço que afeta quem *é de fora*, mas também quem *é de dentro*, pois todo mundo deve, de algum modo, ser mais ou menos controlado.

Isso se manifesta, no caso dos funcionários do empreendimento, quando, ao fim dos seus trabalhos, eles se posicionaram ao buscar hospedagem em um dos setores, e, no meu caso, pela exigência constante de posicionamento. Por fim, os quilombolas parecem jogar entre si e com quem chega até eles, de modo que nós, os *de fora*, podemos (ou não) ser mais uma moeda de troca nas discordâncias e concordâncias entre os setores colocados nessa complexa trama da *Ourinho do Norte*.

20 Em outras conversas, meus interlocutores me apresentaram tanto os perigos, os afetos, as decepções, como também as vantagens que a proximidade com os políticos e com os funcionários da XRTE, trouxeram para as respectivas famílias. Por exemplo, o filho de Enade foi empregado para trabalhar na linha de transmissão, e Rogério auxiliava na leitura do material referente ao empreendimento e dava dicas sobre de que forma a liderança – Joana – poderia pôr em discussão a concessão de alguma benfeitoria diante da fábrica de polpa de fruta.



REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Mauro William Barbosa de. Redescobrimo a família rural. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 63-83, 1986.
- ALVES, Yara de Cássia. Sob a luz e o calor do fogo: A criação entre os moradores de Píneiro e as interconexões entre casas, famílias e corpos. In: MARQUES, Ana Claudia; LEAL, Natacha Simeí (org.) **Alquimias do Parentesco: casas, gentes, papéis, territórios**. Rio de Janeiro: Gramma; São Paulo: Terceiro Nome, 2018, p. 205-232
- ARRUTI, José Maurício Andion Paiva. A emergência dos “remanescentes”: notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 7-38, out. 1997.
- ARRUTI, José Maurício Andion Paiva. **Mocambo: Antropologia e história do processo de formação quilombola**. Bauru: Edusc, 2006.
- BARTH, Fredrik. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFFENART, Jocelyne (org.). **Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. São Paulo: Editora Unesp, 1998.
- CERQUEIRA, Ana Carneiro. **O “povo” parente dos Buracos: mexida de prosa e cozinha no cerrado mineiro**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- COMERFORD, John Cunha. **Como uma família: sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.
- COMERFORD, John Cunha. Vigiar e narrar: sobre formas de observação, narração e julgamento de movimentações. **Revista de Antropologia (USP)**, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 107-142, 2014.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. **Cultura com aspas: e outros ensaios**. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.
- DAINESE, Grazielle. **Chegar ao cerrado mineiro: hospitalidade, política e paixões**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- DAINESE, Grazielle. Movimento e Animação das festas, visitas, andanças e chegadas. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 641-669, 2016.
- ESTEVES, Francisco Patrício. 2012. **Historicidade e Campesinato: Um estudo sobre a organização socioeconômica da comunidade de Malhadinha e sua inserção nas políticas públicas de Ação Afirmativa (1988 - 2011)**. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- FIALHO, Gustavo. **O povo da cultura e as forças do barro no Quilombo Buriti do Meio-MG**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.



HARTUNG, Miriam Furtado. “Ser E não ser”, eis a questão: relatórios antropológicos, categorias nativas e Antropologia. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 56, n. 2, p. 323-364, 2013.

MARQUES, Ana Claudia. Considerações familiares ou sobre os frutos do pomar e da caatinga. **Revista de Antropologia da UFSCar**, São Carlos, v. 6, n. 2, p. 119-129, jul/dez. 2014.

MARQUES, Kátia Maria Carvalho de Moraes. **A comunidade quilombola Córrego Fundo no município de Brejinho de Nazaré-TO**. 2014. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2014.

MATOS, Mariana Magalhães de. **Políticas de desenvolvimento e povos tradicionais na Amazônia: um estudo sobre a comunidade remanescente de quilombo do Grotão quanto aos impactos da chegada do eucalipto**. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura e Território) – Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura e Território, Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2018.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MELLO, Marcelo Moura; SALAINI, Cristian. Seguindo as pegadas dos quilombos pelos caminhos da memória, da identidade e da etnicidade. **Revista Identidade**, São Leopoldo, v. 15, n. 1, p. 33-50, jun. 2010.

MELLO, Marcelo Moura. **Reminiscências dos quilombos: territórios da memória em uma comunidade negra rural**. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

O'DWYER, Eliane Cantarino (org.) **Quilombos: identidade étnica**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

PERUTTI, Daniela Carolina. Políticas do Território e Territórios da Política em uma família quilombola de Goiás. In: MARQUES, Ana Claudia; LEAL, Natacha Simeí (org.). **Alquimias do Parentesco: casas, gentes, papéis, territórios**. Rio de Janeiro: Gamma; São Paulo: Terceiro Nome, 2018, p. 67-102.

PERUTTI, Daniela Carolina. **Tecer amizade, habitar o deserto: uma etnografia do quilombo Família Magalhães**. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

PITT-RIVERS, Julian. 2012. The law of hospitality. In: **The Fate of Shechem, or the Politics of Sex: Essays in the Anthropology of the Mediterranean**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977. (Republicado em **Hau: Journal of Ethnographic Theory**, v. 2, n. 1, p. 501-517).

SANTOS, Alessandra Regina. Movimentos que tecem o mundo: Experiências de deslocamentos e práticas de conhecimento entre os habitantes de Pedro Cubas. In: MARQUES, Ana Claudia; LEAL, Natacha Simeí (org.). **Alquimias do Parentesco: casas, gentes, papéis, territórios**. Rio de Janeiro: Gamma; São Paulo: Terceiro Nome, 2018, p. 269-302.



SAUMA, Julia. **The Deep and the Erepecuru:** Tracing Transgressions in an Amazonian Quilombolan Territory. Tese (Doutorado em Antropologia) – University College London, Londres, 2013.

SOUZA Candice Vidal; GUEDES, André Dumans. **Antropologia das mobilidades.** Brasília: ABA Publicações, 2021.

VIEIRA, Suzane de Alencar. **Resistência e Pirraça na Malhada:** Cosmopolíticas quilombolas no alto sertão de Caetité. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

XAVIER, Jonathas Adonias. **Comunidades Quilombolas no Jalapão – TO e os Territórios e Identidades Territoriais:** Carrapato, Formiga e Ambrósio. 2019. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2019.

